

Cultura material e discursos de identidade: contribuições teórico-metodológicas da Arqueologia para o estudo histórico da Fábrica de Louças Colombo¹

*Martha Helena Loeblein Becker Morales
Mestranda em História
Universidade Federal do Paraná*

Resumo

Assumindo-se que uma relação dialógica entre História e Arqueologia traga contribuições fundamentais a uma pesquisa que tem na cultura material seu foco principal, objetivou-se melhor compreender elementos inerentes à produção de louça branca na Fábrica de Louças Colombo. Empreendimento iniciado por um imigrante no Paraná, ao final do século XIX, a instituição, que depois pertenceria a um luso-brasileiro, foi palco de diferentes elaborações identitárias, tendo nas peças de louça um instrumento de expressão de uma cultura extra nacional que não se assemelha ao discurso nacionalista dos almanaques que delas tratam. A partir de elementos da teoria arqueológica e da tradição historiográfica francesa, analisou-se a cultura material em contraposição com as fontes textuais correspondentes, para dar forma a uma discussão acerca da construção do *eu* por meio de diferentes registros do passado.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica, cultura material, identidade.

Introdução

Este artigo apresenta uma reflexão teórica acerca da relação dialógica entre História e Arqueologia, a partir de um interesse na constituição material das relações sociais, políticas e econômicas, do ponto de vista da cerâmica – especificamente, da louça. Desenvolvido inicialmente no trabalho de conclusão do curso de História, na Universidade Federal do Paraná, intitulado *A Fábrica de Louças Colombo e o processo de formação de uma identidade: um estudo de caso através da História e da Arqueologia*, atualmente as questões vem sendo ampliadas e aprofundadas no curso de mestrado da mesma instituição, tendo em vista uma melhor compreensão dos processos formadores de identidade em meio aos grupos envolvidos.

Desde a primeira elaboração, ainda na monografia, buscou-se um diálogo entre a documentação escrita, estudos historiográficos e a cultura material recuperada ao longo do levantamento de fontes para a pesquisa. Além disso, dada a relativa escassez de estudos específicos concernentes a Fábrica de Louças Colombo – sendo, normalmente, estudos mais gerais voltados à constituição do município de Colombo como um todo, guiados por uma metodologia tradicional baseada na documentação escrita, ou, ainda, em depoimentos orais – os laços explicativos das duas disciplinas trariam uma contribuição valiosa ao conhecimento histórico.

¹ Este artigo é resultado de reflexões teóricas que estão sendo desenvolvidas na pesquisa de mestrado, orientada pela Prof^ª. Dr^ª. Renata Senna Garraffoni

Dentro de um recorte temporal que vai de 1897 a 1926, a partir de 13 peças em faiança fina – três sob a guarda do Museu Paranaense, uma sob a guarda da Secretaria Municipal de Cultura de Colombo, uma de acervo particular e o restante reproduzido em fotos por Newton Carneiro, em publicação de 1979² – a produção cerâmica da Fábrica foi relacionada a quatro textos retirados de almanaques escritos em diferentes momentos da existência da instituição, de caráter comemorativo e propagandístico. Procurou-se, assim, estabelecer o que essa relação fornece para a compreensão da trajetória da instituição e da formação de identidade do grupo que a desenvolveu, além da história que a louça permite contar e a forma como foi representada nos textos.

Além da perspectiva introdutória da monografia, a dissertação ainda em elaboração visa compreender quais as condições, gerais ou específicas, que permitiram a instalação de uma fábrica de louça branca em meio a uma comunidade de italianos recém estabelecidos num local pouco povoado, utilizando mão-de-obra e tecnologia estrangeiras, num período de pouca expressão da indústria nacional. Ainda que muitos autores apontem a produção de louça artística da Fábrica Colombo como a primeira do Brasil – exemplos disso são Ferrarini, Kistmann, Pileggi e Brancante³ –, não há uma reflexão que vise obter o significado que este “pioneirismo” traria, ou qual a importância de carregar tal título. Está aqui em cheque como se forma uma identidade específica acerca de uma produção igualmente específica, que dá margem aos mais diversos usos.

Para que se dê seguimento ao estudo desses processos formadores, este artigo trata de um dos primeiros passos na pesquisa: determinar uma proposta teórica de aplicação da Arqueologia em relação dialógica com a História, conforme uma vertente que pressupõe a interdisciplinaridade como fonte de enriquecimento de um estudo, rejeitando a noção de *ciência auxiliar* que durante tanto tempo determinou a relação das duas disciplinas.

A escolha da fonte: cultura material como documento histórico

² CARNEIRO, Newton. *A Fábrica Colombo e a cerâmica artística no Brasil*. Curitiba: BADEP, 1979.

³ FERRARINI, Sebastião. *A imigração italiana na Província do Paraná e o Município de Colombo*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1974; FERRARINI, Sebastião. *Colombo: Centenário da Imigração Italiana*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1979; FERRARINI, Sebastião. *O município de Colombo*. Curitiba: Editora Champagnat, 1992; KISTMANN, Virginia Borges *et alli*. *A produção de cerâmica branca de mesa e de decoração de Campo Largo e o design: Estudo sobre a situação das micro, pequenas e médias indústrias e as possibilidades de desenvolvimento do setor através do design*. Curitiba: UFPR, 2003; PILEGGI, Aristides. *A cerâmica no Brasil e no mundo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958; BRANCANTE, Eldino. *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo: Cia. Lithographica Ypiranga, 1981.

A disciplina histórica, já tradicionalmente consolidada, hoje oferece ao pesquisador um grande universo de possibilidades, com categorias mais amplas e abrangentes nascidas da formulação de novos territórios do historiador através do diálogo com territórios de outras disciplinas. Isso se deve à chamada *revolução documental*⁴, uma multiplicação do espaço interdisciplinar que, se não modifica a concepção de *documento*, certamente amplia sua noção de forma a expandir os ditos objetos históricos.

Desde as primeiras décadas do século XX, quando a Escola de *Annales* ainda dava seus primeiros passos, há certa desconfiança na tradicional consideração de que as fontes históricas encontrar-se-iam exclusivamente na documentação original de arquivo. Conforme Aróstegui, há uma

[...] concepção cada vez mais disseminada de que “fonte para a história” pode ser, e de fato é, qualquer tipo de documento existente, qualquer realidade que possa aportar um testemunho, vestígio ou relíquia, qualquer que seja sua linguagem [...]⁵

Sendo assim, o velho preceito positivista, a história fundamentada essencialmente nos registros escritos, torna-se obsoleto quando, na segunda metade do século XX, não só novas idéias sobre as fontes da história ganham terreno, mas também cresce a percepção de que nenhuma pesquisa depende exclusivamente do aparecimento de novas fontes de informação, uma vez que são as explicações que os estudiosos dão às fontes já disponíveis que se refinam e aprofundam o conhecimento sobre determinado assunto ou aspecto⁶.

Considerando-se que são os objetivos de uma pesquisa que condicionam a adequação desta ou daquela fonte, basta ao pesquisador estabelecer uma série de critérios classificatórios conforme o tipo de informação que ela potencialmente oferece, e que vão, por fim, determinar a técnica analítica a ser aplicada. A classificação da fonte deve considerar desde sua origem, sua autoria e seu conteúdo, até sua veracidade e sua composição física. Uma fonte escrita pode ser original ou uma cópia, de conteúdo alterado; pode expressar honestidade da parte do

⁴ LE GOFF, Jacques. A História Nova. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 29

⁵ ARÓSTEGUI, Julio. Uma teoria da documentação histórica. In: ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006. p. 489

⁶ Idem, p. 491

autor, ou uma manipulação de fatos claramente intencional. O mesmo acontece com a fonte material, tão passiva a subjetividades quanto o documento escrito.

Costuma ser consenso entre historiadores que uma fonte, um testemunho criado especificamente com a função de ser *memória histórica* não deve ser lido e tratado com o mesmo valor que o produto material da vida cotidiana humana⁷, e de fato não deve. Mas é importante lembrar que o produto material, o artefato de produção humana, também pode ser criado com a mesma função de *memória histórica*. Basta citar, apenas como exemplo, os monumentos erigidos ao longo da história que comemoram vitórias, que homenageiam os mortos, que honram os deuses. Além disso, presumivelmente, os testemunhos chamados de voluntários são mais manipuláveis do que aqueles tidos como involuntários, e essa máxima deve abranger também a cultura material. Ela é, portanto, fonte tão tendenciosa quanto a reportagem que dela trata ou o diário que descreve sua fabricação.

A cultura material não é um reflexo passivo da sociedade que lhe deu origem, pelo contrário: ela, de certa forma, cria a sociedade por meio da ação dos indivíduos⁸. Um artefato pode representar idéias, crenças, simbolizar pessoas e coisas, pode informar sobre a vida. No entanto, é válido ressaltar que o artefato em si não fala – o pesquisador faz a sua leitura, conforme seu referencial teórico e as questões previamente estabelecidas, enfim produzindo um discurso a seu respeito. O objeto recebe um sentido que seu produtor desloca a partir de relações sócio-culturais ou econômicas e não há garantia de que este sentido seja absorvido integralmente pelo pesquisador no futuro, mas não é o artefato que mente ou distorce a realidade, e sim os discursos acerca dele. A fim de ser fiel ao objeto e ao seu significado “real”, ou, mais do que isso, a fim de ser preciso na descrição das sociedades passadas, o pesquisador deve descobrir como opera o objeto em relação ao entorno humano e físico, e em relação à estrutura econômica e social, construindo assim um sentido novo⁹.

Analisando a cultura material e a documentação escrita acerca de uma mesma sociedade, não há contradição em se deparar com incongruências, divergências ou semelhanças. É possível realizar diferentes leituras, no que diz respeito a um mesmo processo, uma vez que não se perca de vista a particularidade de cada fonte, conforme sua produção,

⁷ Ibidem, p. 498

⁸ HODDER, Ian. *Interpretación en arqueología: corrientes actuales*. Editora Crítica: Barcelona, 1988. p. 19

⁹ Op. cit., p. 147

sua veiculação, sua intencionalidade e sua própria constituição física – como o papel ou a cerâmica.

A contribuição da Arqueologia: possibilidades e limites

Feita uma primeira reflexão sobre a viabilidade da cultura material como fonte histórica, passando a tratar dos referenciais teóricos que possibilitam o diálogo propriamente dito entre História e Arqueologia, cabe analisar os obstáculos a serem transpostos por tal relação – especificamente, a noção pejorativa de *ciência auxiliar*.

Concebida como complemento da História, visando preencher as possíveis lacunas da documentação escrita¹⁰, a Arqueologia foi por muito tempo estigmatizada como mera análise técnica de culturas materiais passadas, principalmente daquelas que não dispunham de registros escritos – as fontes mais dignas de confiança. Reduzida a prática de campo a serviço da História ou da Antropologia, ou a um simples divertimento, mesmo depois de adquirir certa independência, continuou a ser vista como um mosaico de teorias conflituosas e incompatíveis¹¹, uma vez que durante muito tempo tomou de empréstimo noções e conceitos das mais variadas ciências – biológicas, humanas, exatas.

Atualmente, a Arqueologia vem se consolidando cada vez mais enquanto disciplina independente e possui uma fundamentação teórica própria que é constantemente revisitada por conceituados estudiosos do mundo todo. Entretanto, é uma disciplina que nunca perdeu e, provavelmente, nunca perderá seu caráter multi e interdisciplinar, pois o trabalho de campo, de laboratório e a análise e compilação subsequente dos dados recuperados é uma tarefa que envolve toda uma gama de profissionais com especificidades e especialidades bem definidas, numa relação mútua de troca constante.

Entre as correntes teóricas do pensamento arqueológico atual, a que melhor se aplica ao presente trabalho é a pós-processualista, devido principalmente à sua preocupação com a reconstrução dos significados subjetivos da cultura material¹² e à ênfase dada ao papel da ação

¹⁰ FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 84

¹¹ PREUCEL, Robert; HODDER, Ian. *Contemporary archaeology in theory: a reader*. Oxford: Blackwell, 1996. p. 17

¹² HODDER, Ian. *Interpretación en arqueología: corrientes actuales*. Editora Crítica: Barcelona, 1988. p. 183

simbólica humana¹³. Esta é uma perspectiva que toma a arqueologia como a análise de um conjunto de fatores que não se restringem à cultura material, o que a torna ainda mais válida quando se tem em mente o diálogo entre registro escrito e artefatos cerâmicos.

Os pós-processualistas têm ainda a seu favor a postura conciliadora que valoriza os méritos de hipóteses alternativas dentro do pensamento arqueológico¹⁴, ou seja, não só existe uma relação natural de diálogo com disciplinas diversificadas, mas mesmo dentro da Arqueologia, lugar de debate entre os teóricos das mais diferentes orientações, há um aproveitamento das reflexões concorrentes.

Essa inclusão de diferentes teorias e perspectivas, além da consideração de fontes escritas, não necessariamente significa uma descaracterização da Arqueologia enquanto disciplina única e independente e não se trata de sugerir também que os arqueólogos abandonem completamente os registros escritos em nome de sua singularidade como ciência. O arqueólogo, como o historiador, deve ter um olhar próprio, ajustado a cada tipo de fonte, conscientes de que qualquer registro é potencialmente tendencioso e possibilita múltiplas leituras, mas requer uma análise crítica do processo específico pelo qual passou¹⁵.

A Arqueologia Histórica – que no Brasil abrange períodos desde o século XVI até a atualidade, com o olhar voltado às ocupações coloniais e de imigrantes, por exemplo – é marcante por equilibrar com maior destreza a relação do artefato com o documento escrito. Buscando um conhecimento que vai além da simples relação, semelhança e contradição entre duas categorias de fontes, cria-se um campo de interdependência e complementaridade que permite visualizar e explorar ambigüidades, a partir de novos questionamentos¹⁶; atinge-se uma informação não propriamente histórica, nem mesmo arqueológica, mas um resultado das relações e confrontos entre as fontes.

Quando a História Cultural encontra a Arqueologia

¹³ COURTNEY, Paul. Historians and archaeologists: an English perspective. In: *Historical Archaeology*, v. 41, n. 2, 2007. p. 35

¹⁴ UCKO, Peter. Archaeological interpretation in a world context. In: UCKO, Peter (org.) *Theory in archaeology. A world perspective*. London/ New York: Routledge, 1995. p. 21-22

¹⁵ COURTNEY, Paul. Historians and archaeologists: an English perspective. In: *Historical Archaeology*, v. 41, n. 2, 2007. p. 40

¹⁶ REIS *apud* BRANCHELLI, Fabiano Aiub. Modernidade e capitalismo na Porto Alegre oitocentista: a inserção de idéias, valores e práticas europeizantes e suas manifestações na cultura material. In: ROCHA, Marcia Medeiros da (org.) *IV Mostra de pesquisa do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2006. p. 128

Para que haja a articulação pretendida entre Arqueologia e História, para que os significados simbólicos dos quais trata o pós-processualismo encontrem relação no campo das referências teóricas dos historiadores, a História Cultural que estuda dentro de um contexto social os mecanismos de produção dos objetos culturais, bem como seus mecanismos de recepção, apresenta-se como opção bastante adequada. Também por objetivar a identificação do modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler, elucidando os mecanismos pelos quais um grupo impõe – ou tenta impor – sua concepção do mundo social, seus valores, seu domínio¹⁷, ela permite um entendimento das estratégias que um determinado grupo põe em prática para se manter, se impor, se fazer notar.

O termo *cultura*, de difícil definição e por vezes problemático, já se referiu exclusivamente às artes e às ciências, mas hoje contempla uma ampla gama de artefatos e práticas¹⁸. Tema de discussão das mais variadas disciplinas, já foi alvo de estudos antropológicos, arqueológicos, históricos, geográficos – e talvez aqui fosse interessante trabalhar com a noção do antropólogo Edward Tylor cuja consideração sobre o que seria a *cultura* inclui “conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”¹⁹, tendo assim o *homem* como constante da tão variável *cultura*. A corrente histórica que se dispõe a tratar do âmbito cultural da vida humana está, enfim, preocupada com o simbólico e as interpretações que este gera, com os símbolos conscientes ou inconscientes que o homem cria para representar a si mesmo ou para representar algo, ou *outro*.

O estudo de ordem cultural seja ele histórico ou arqueológico, ou ainda uma combinação das duas áreas, deve tomar em consideração não somente o sujeito produtor de cultura, mas também os meios que condicionam sua produção e transmissão, voltando o olhar ao receptor. Nesses processos próprios da produção, transmissão e recepção da cultura, as representações e apropriações se dão de formas variadas, conforme o estabelecimento de interesses sociais, imposições e resistências políticas, motivações e necessidades confrontadas

¹⁷ CHARTIER, Roger. Introdução: Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editorial LTDA, 1988. pp. 16-17

¹⁸ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 43

¹⁹ TYLOR, E. *apud* BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 43

no mundo humano²⁰.

Considerações finais

Uma vez superado o estigma de *ciência auxiliar* da Arqueologia em relação a qualquer outra disciplina, não se trata de sugerir o abandono dos dogmas estabelecidos da História em favor de uma adoção completa do modo de agir e pensar particular de outro campo científico, mas sim de propor uma relação de troca de conhecimento entre ambas. A contribuição se dá de diferentes maneiras, basta que não se tenha a História como aquela disciplina presa aos grilhões da documentação escrita e a Arqueologia como mera prática de campo que isola a cultura material do meio histórico o qual lhe deu forma.

O local e o contingente humano envolvido na produção da louça em Colombo são fundamentais para o entendimento do processo de formação e, mais importante, de *afirmação* identitária que ali se desenvolveu. O contexto, as condições, a intencionalidade, o autor, o ano, todos são dados intrínsecos à análise das fontes; cada elemento, de cada uma delas, com suas inegáveis diferenças, apontam para leituras específicas que se constroem a partir dos mesmos: são os discursos produzidos, materiais e escritos, que dão importância a este estudo.

Expandindo o olhar, teórica e metodologicamente, sobre aquilo que aparenta ser tão pequeno e insignificante, sobre um detalhe incomum ou mesmo tão comum que aparentemente não mereça atenção, muito pode ainda ser revelado. Partindo-se desta premissa as informações obtidas, ainda que não definitivamente conclusivas, justamente por isso oferecem uma abertura a um pensar mais amplo, que contemple um período que não foi característico de um estado no sul do Brasil, mas do país como um todo, tendo nas suas especificidades e peculiaridades se manifestado de maneiras diversas conforme o contexto em que se encontrava.

Bibliografia

ARÓSTEGUI, Julio. Uma teoria da documentação histórica. In: ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006. pp. 488-512

²⁰ BARROS, José D'Assunção. A História Cultural Francesa – Caminhos de investigação. In: *Fênix* – Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 2, Ano II, No. 4, 2005. p. 16

- BARROS, José D'Assunção. A História Cultural Francesa – Caminhos de investigação. In: *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 2, Ano II, No. 4, 2005. Disponível em <www.revistafenix.pro.br>, acessado em: 16 de outubro de 2006.
- BRANCANTE, Eldino. *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo: Cia. Lithographica Ypiranga, 1981.
- BRANCHELLI, Fabiano Aiub. Modernidade e capitalismo na Porto Alegre oitocentista: a inserção de idéias, valores e práticas europeizantes e suas manifestações na cultura material. In: ROCHA, Marcia Medeiros da (org.) *IV Mostra de pesquisa do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2006. pp. 125-137
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- CARNEIRO, Newton. *A Fábrica Colombo e a cerâmica artística no Brasil*. Curitiba: BADEP, 1979
- CHARTIER, Roger. Introdução: Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editorial LTDA, 1988. pp. 13-28
- COURTNEY, Paul. Historians and archaeologists: an English perspective. In: *Historical Archaeology*, v. 41, n. 2, 2007. pp. 34-45
- FERRARINI, Sebastião. *A imigração italiana na Província do Paraná e o Município de Colombo*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1974.
- _____. *Colombo: Centenário da imigração italiana*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1979.
- _____. *O município de Colombo*. Curitiba: Editora Champagnat, 1992.
- FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. pp. 81-110
- HODDER, Ian. *Interpretación en arqueología: corrientes actuales*. Editora Crítica: Barcelona, 1988.
- KISTMANN, Virginia Borges *et alli*. *A produção de cerâmica branca de mesa e de decoração de Campo Largo e o design: Estudo sobre a situação das micro, pequenas e médias indústrias e as possibilidades de desenvolvimento do setor através do design*. Curitiba: UFPR, 2003.
- LE GOFF, Jacques (org.) *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

- PILEGGI, Aristides. *A cerâmica no Brasil e no mundo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.
- PREUCEL, Robert; HODDER, Ian. *Contemporary archaeology in theory: a reader*. Oxford: Blackwell, 1996.
- UCKO, Peter. Archaeological interpretation in a world context. In: UCKO, Peter (org.) *Theory in archaeology. A world perspective*. London/ New York: Routledge, 1995. pp. 1-27